



Filosofia, Arte e Educação: entrevista com José Ternes

PHILOSOPHY, ART AND EDUCATION: INTERVIEW WITH JOSÉ TERNES

FILOSOFÍA, ARTE Y EDUCACIÓN: ENTREVISTA CON JOSÉ TERNES



José Ternes
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Brasil

Hugo Tallyton Lopes Santos
Universidade Federal de Goiás – UFG, Brasil

Sueli Teresinha de Abreu Bernardes
Universidade de Uberaba – Uniube, Brasil

Apresentação

O Professor José Ternes é um dos autores mais citados no Centro-Oeste no campo da Filosofia Francesa Contemporânea, sobretudo em pesquisas acerca do pensamento educacional moderno, da literatura e formação docente, da ciência, da epistemologia francesa e da filosofia, estudando a relação entre essas perspectivas. É Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Foi professor na Universidade Federal de Goiás (1993-1998) e desde 1971 é professor titular e pesquisador na Universidade Católica de Goiás, onde atualmente coordena o projeto de pesquisa Educação e Modernidade. Admirado pelo seu profundo conhecimento filosófico e dedicação à docência e à pesquisa, e querido pelos inúmeros orientandos, alunos e colegas da

academia, suas ideias, publicadas em livros e em dezenas de artigos, são referência para teses e dissertações construídas nas universidades brasileiras. Em suas pesquisas, sobressaem-se os fundamentos em Michel Foucault e Gaston Bachelard, seguidos de Georges Canguilhem, Maurice Blanchot, Alexandre Koyré, Martin Heidegger, Edmund Husserl, Merleau-Ponty, Jean Paul Sartre, entre outros. Na década de 1970 começou seus estudos sobre a filosofia bachelardiana. Segundo ele, “*desde aqueles anos, Bachelard me acompanha. Não somente isso. Não consigo trabalhar sem ele. Inicialmente, o epistemólogo. Mais tarde, aos poucos, aquele que sonha, o das “asas da imaginação”*”. É essa vertente bachelardiana de suas investigações e de suas obras que constitui o foco desta entrevista.

JT José Ternes

HTLS Hugo Tallyton Lopes Santos

STAB Sueli Teresinha de Abreu Bernardes

HTLS; STAB Inicialmente, nossos agradecimentos pelo acolhimento ao nosso pedido para esta entrevista. É motivo de júbilo para nós ter as palavras de tão eminente professor neste dossiê. Gostaríamos de começar este diálogo perguntando-lhe: quais as razões que o levaram a escolher o curso de Filosofia e o estudo da obra de Gaston Bachelard?

JT Agradeço-lhes muito pelo convite. Bachelard foi objeto de minhas pesquisas durante a maior parte de minha trajetória acadêmica. O projeto de um dossiê que contemple o pensamento bachelardiano é motivo de alegria, nestes tempos de respiração difícil. Para mim, a certeza de que o engajamento intelectual valeu a pena. Quanto às “razões” da escolha do curso de filosofia, não tenho uma resposta precisa. As razões não eram minhas, a bem dizer. Em 1967 estava eu ainda no internato dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul. Algumas coisas eram consideradas ferramentas essenciais na formação dos Frades. Até 1965, estudava-se latim, intensivamente, desde o ginásio. O Concílio Vaticano II, no entanto, elidira a obrigatoriedade dos estudos superiores dessa língua. E a cultura romana, com isso, perdeu o seu status. Assim como a Escolástica. Lamentável, a meu ver, não por sua importância instrumental, mas pelo que significam esses conhecimentos para a nossa civilização ocidental. A filosofia, no entanto, continuara, e me parece continuar obrigatória até hoje, ainda que com outras referências. Era, porém, apenas uma propedêutica para o curso de teologia por vir. Continuava, se quisermos, instrumental: *ancilla theologiae*. Julho de 1968 foi decisivo no que concerne às minhas relações com a filosofia. Desligado da comunidade dos capuchinhos, deparei-me, de uma hora para

outra, com os destinos que deveria dar à minha vida e à minha formação. Dilema: seguir os estudos iniciados na Faculdade de Filosofia de Ijuí, ou me aventurar por outras sendas. Optei pela continuidade no curso, concluído em dezembro de 1969. Penso não ter cedido a um movimento apenas inercial: continuar para ver em que poderia dar. Já naquele inverno dera-me conta de que gostava de filosofia. Como o Quixote de Cervantes, embrenhara-me na leitura, quer de obras filosóficas, quer dos clássicos literários. Meu cérebro, no entanto, não secara, como ocorrera ao fidalgo de *La Mancha*. E, se alguma razão pessoal possa ser reconhecida, talvez seja apenas essa, ainda que tardia: a filosofia, ela mesma, em sua liberdade, com seus riscos, também. Bachelard foi uma descoberta posterior. Suas obras começaram a ser traduzidas no Brasil na década de 1970. Deparei-me, por acaso, com as primeiras notícias acerca do pensamento do filósofo, ao visitar o Departamento de Filosofia da PUC-RJ em 1975. Já professor auxiliar da UFG, impunha-se a urgência, para a minha sobrevivência acadêmica, de fazer um mestrado em Filosofia. Havia poucas opções. Na PUC do Rio tive uma conversa com o Professor Hilton Japiassu. Mostrou-me ele alguns projetos de pesquisa na instituição. Poucos, na verdade. Resolvi verificar o que o próprio “Japi”, como era chamado, estava a fazer. Li alguns textos dele, e comecei a ler, também, obras de Bachelard disponíveis naquela época. Escrevi um artigo, *A noção de objeto científico em Gaston Bachelard*, exigência para a seleção no Programa. Em agosto de 1976 comecei o mestrado nessa instituição, terminei em 1978. Desde aqueles anos, Bachelard me acompanha. Não somente isso. Não consigo trabalhar sem ele. Inicialmente, o epistemólogo. Mais tarde, aos poucos, aquele que sonha, o das “asas da imaginação”. Gostaria de assinalar, porém, que tal companhia se abriu para outros convidados, quase todos da filosofia francesa contemporânea: Foucault, em primeiro lugar. Mas muitos outros: Canguilhem, Blanchot, Koyré (um russo francês), alguns iluministas, seguidos de Heidegger, Husserl, Ponty, Sartre, etc.

HTLS; STAB Seus estudos envolvem tanto a epistemologia quanto a fenomenologia Bachelardiana, frequentemente denominadas de dimensão diurna e noturna, respectivamente. Qual delas detém seu maior interesse? Ou o senhor não faz esta separação? Por quê?

JT Não gostaria de fazê-la. Mas, na minha *démarche* intelectual, isso ocorreu. Em parte, por uma razão cronológica: comecei os estudos de Bachelard pela epistemologia. Minha Dissertação de mestrado foi *A epistemologia histórica de Bachelard: a noção de descontinuidade*, orientada por Hilton Japiassu. Por outro lado, por muitos anos, ficara a meu cargo a disciplina Filosofia das ciências, quer para o curso de filosofia, quer para os mais

variados cursos de graduação em Goiás. Bachelard, claro, apareceria como uma pechincha, em tempos, e até o presente, em que se privilegiam outros autores, com perspectivas diferentes, como Karl Popper, Thomas Kuhn, Paul Feyerabend e outros, todos baconianos, quando se trata de ler história das ciências modernas, tradição empirista. À fenomenologia da imaginação, expressão tardia do filósofo para designar seus estudos das artes, especialmente da literatura e pintura, fui conduzido por outras forças. E aqui não foi o professor de alguma disciplina formal relacionada com estética, ou teoria da arte ou da literatura que entrava em cena. Somente nos últimos anos de minha história docente dediquei-me, mais decididamente, ao que passei a chamar filosofia e literatura. O mestrado de Letras da PUC-GO fora o campo principal dessa aventura. Muito antes, porém, ainda nos anos 80, passei a ler, com muito entusiasmo, o Bachelard noturno. Além de diversos escritos, participara de dezenas de encontros, no Brasil e na França, onde o espaço para o filósofo de duas faces estava sempre aberto. Destacaria, no que concerne à minha militância (ou errância) por essa singular fenomenologia, minha participação numa série de colóquios de filosofia e literatura, em Goiânia, nos quais Bachelard comparecia com muita insistência. Todos os textos desses colóquios, organizados pelo Professor Fábio de Almeida da UFG, foram publicados pelas Edições Ricochete, Goiânia. Bem, ou mal, no entanto, separamos o que não gostaria de separar. Talvez a leitura de Jean Lacroix (1973) possa nos auxiliar, aqui: ainda que duas vertentes, sempre determinadas pelos objetos da reflexão, um único espírito.

HTLS; STAB No artigo *Bachelard e o novo espírito científico* (TERNES, 1997), o senhor traz a seguinte afirmação do filósofo francês: “A ciência cria, com efeito filosofia”. Como se efetiva esta gênese? Ela ainda se aplica ao tempo atual de grandes feitos tecnológicos?

JT Esta afirmação, na Introdução de *O novo espírito científico* (BACHELARD, 2008), foi objeto de infinitas polêmicas. Polêmicas compreensíveis, se considerarmos que traçam um divisor de águas entre, *grosso modo*, duas filosofias do conhecimento: o empirismo e o racionalismo (discursivo, aqui). Fundamentalmente, trata-se, sempre, ou de descobrir e descrever a realidade, ou de criar realidades, construir verdades. Para o leitor de Bachelard, isto é decisivo, tanto para entender seus estudos da natureza da ciência moderna, quanto para os que se ocupam das artes. O cientista e o poeta, ambos, precisam inventar seus *objetos*. Aquele, no começo, não tem o que explicar. Este, no começo, não conta com uma natureza a ser pintada, ou cantada. Suas obras são, sempre, imaginadas. Por isso, não se pode professar uma filosofia *a priori*, quer da ciência, quer da arte. Um cartesiano poderia sonhar com um método seguro

para todo pensamento. Um moderno, como o entende Bachelard, não pode ser cartesiano, pois toda obra, agora, é circunstancial. E todo método somente terá sentido, também, se circunstancial. Quer se trate das ciências, quer das artes, se se quiser falar em filosofia, esta terá que ser imanente à obra, ao pensamento sempre regional, ou singular. Daí, também, as críticas do filósofo às teorias gerais, quer epistemológicas, quer estéticas. Vale dizer, fazer filosofia, hoje, é um trabalho sempre recomeçado. “Filosofia do Re”. Antes que ensinar algo aos cientistas e aos poetas, trata-se de aprender com eles. Lições de racionalidade, lições de sensibilidade. Coragem de rejuvenescer. Isso me parece valer para a atualidade da cultura científico/tecnológica e artística em que nos movemos. Talvez, mais do nunca, se exija do filósofo, hoje, engajamento crítico, a vigilância intelectual sonhada por Bachelard. Apesar de se definir racionalista, ou idealista, apesar de sua insistência na ideia de ciência como teoria, como crescimento de verdades, o filósofo, desde o *Ensaio sobre o conhecimento aproximado* (BACHELARD, 2015), concebe a ciência moderna em sua essencial realização tecnológica. Então, o teórico e o instrumental fazem um só corpo com o processo da pesquisa científica. Mas, apesar dessa essencial dualidade, a dialética científica se realiza com um vetor privilegiado: o racional, a abstração, a matematização irreversível. Numa época em que se confunde inovação científica com fabricação de instrumentos, ler Bachelard parece-me de fundamental importância.

HTLS; STAB O senhor faz uma relação entre a psicologia/ teoria psicológica de Freud e a fenomenologia de Bachelard no texto *Bachelard e Freud: alargar o espirito, tonificar a alma* (TERNES, 2006). Fale-nos um pouco mais dessa relação entre as duas teorias.

JT Com efeito, no artigo *Bachelard e Freud...* fiz referência a duas teorias. No entanto, referindo-me a Bachelard, servi-me da expressão “estranha teoria”. Talvez não se deva entender Bachelard como criador de alguma teoria. Ele mesmo reserva a palavra para o campo estrito das ciências. E, como observara no texto, o filósofo não alimentava pretensões científicas, mas, como a expressão mesma diz, epistemológicas, ou filosóficas. Já em Freud, penso, podem-se reconhecer objetivos científicos. A virada do século XIX para o século XX vem fortemente marcada por discussões acerca de um campo novo interior, e que poderia, talvez se constituir em objeto de ciência. Por outro lado, Bachelard mesmo adverte que um objeto científico não é um coisa, ou um aglomerado de coisas, mas um complexo de pensamento, um “racionalismo regional”, uma teoria. Uma invenção. Invenção do Inconsciente, no caso de Freud? Já a filosofia bachelardiana, mesmo recorrendo à terminologia freudiana, por definição, não tem objeto. É,

pode-se dizer, um exercício de reflexão acerca dos efeitos mentais, ou psicológicos, a distribuição das forças psíquicas de um trabalho que se quer científico. A noção de “obstáculo epistemológico” parece referir-se, antes de tudo, a esse campo de forças, que precisa ser vigiado e preservado, mas que, também, sofre esgotamentos, e, mesmo, pode desaparecer, transformando-se o saber em simples erudição, peças mortas de museu. Se há algo em comum com a psicanálise de Freud, talvez possa ser reconhecido numa espécie de objetivo terapêutico comum, a busca de uma *cura*. Os *pacientes*, no entanto são muito diferentes. Em Freud, há um sujeito doente. Em Bachelard, é o pensamento, ele mesmo, que adocece, e precisa livrar-se dos preconceitos acumulados. Esse Freud da psicanálise do conhecimento objetivo comparece, nos estudos de Bachelard de maneira bastante positiva. Mas há um outro Freud, presente especialmente em *A poética do espaço* (BACHELARD, 1993), e em companhia de Sartre, alvo das mais severas críticas. Ambos seriam tributários, ainda, de uma cultura ocularista. Sua linguagem ainda trabalharia no âmbito da representação. Seria simples instrumento, ou imagem, de verdades anteriores a ela. Nesse sentido, seriam ainda cartesianos. Para Bachelard, a linguagem moderna, tanto a das ciências, especialmente as matemáticas, quanto a das artes, particularmente a literatura, efetivamente *fala*. Sujeito e mundo se apagam, de certa maneira, diante do ser da linguagem.

HTLS; STAB Como se relacionam arte e filosofia em Gaston Bachelard?

JT Penso ter acenado, já, para essa aproximação nas linhas acima. A recusa de filosofias estéticas, como a de Hegel, ou de teorias literárias, abundantes em nossas academias ainda hoje, parecem testemunhar a maneira própria, original, de o filósofo Bachelard se haver com as artes. Leiam as suas análises de um quadro como o de Marc Chagal, em *O direito de sonhar* (BACHELARD, 1994, p. 22): “Olhe bem uma das figuras e a gravura vai, sozinha, se pôr a fabular”, diz o filósofo. Não será preciso recorrer a um autor, como La Fontaine, por exemplo, para ter a mensagem à mão. Não será preciso consultar um manual de crítica literária para encontrar as diretrizes, os critérios de julgamento, da boa literatura. A relação arte e filosofia parece-me ser aquela descrita em *A chama de uma vela* (BACHELARD, 1989, p. 58), uma espécie de transa a três: o livro, a vela, o homem (o leitor). Moral fundamental do estudante: “Eu estudo! Sou apenas o sujeito do verbo estudar. Não ousar pensar. Antes de pensar, é preciso estudar...” Compreende-se, então, o que seria uma Fenomenologia da imaginação. Uma prática de estudante. Como já assinalado, a filosofia não se realiza na periferia da obra. É imanente a ela. É, se quisermos, a descrição rigorosa de uma prática de *leitura*.

HTLS; STAB Para Bachelard, na obra *A poética do devaneio* (BACHELARD, 1988), o devaneio é uma “oportunidade” para o processo criativo. Qual é a relação entre o devaneio poético e a imaginação?

JT Penso que há, em Bachelard, uma espécie de espinosismo no modo de resolver, ou de tematizar as relações imaginação/devaneio. Relação simétrica à observada na epistemologia entre razão e conceito. Antes que relações causais, estão em jogo realizações de forças, potências que se expandem e que, também, podem se debilitar. Daí, a urgência, na educação, por exemplo, de se oferecerem, à comunidade escolar, ocasiões de alargamento, de abertura, do espírito e, por outro lado, ocasiões de tonificação, de arejamento, da alma.

HTLS; STAB Como o pensamento de Gaston Bachelard, o “sonhador de palavras”, pode contribuir para a formação do leitor?

JT Esta pergunta, parece-me, completa a sexta. Não há receita para formar o leitor. Mas, também, não se pode dispensar sua formação. Novamente, a simetria espírito/alma. É preciso formar o novo espírito científico. No entanto, nesse esforço, o que resiste é o velho espírito, empirista e preconceituoso. É preciso formar a nova alma poética. No entanto, nossa cultura transpira mediocridade, em todos os setores: literatura, música, pintura, espetáculos, shows de péssima qualidade. É preciso, novamente, considerar que, para Bachelard, a filosofia (epistemologia ou fenomenologia da imaginação) é projetiva. É, sempre, o resultado de uma experiência singular que não se aplica. Quando instrumentalizada, certamente perde a fecundidade. Mas, como dissera Heidegger no começo de sua *Introdução à metafísica* (1999), a questão não se esgota aí. O pensamento bachelardiano bem pode ser útil, fecundo, se formos capazes de a ele nos abrir.

HTLS; STAB A educação hoje abrange essa dimensão do imaginário, do devaneio? Como isso poderia ser proposto, segundo o filósofo de *Bar-sur-Aube*?

JT Como afirmei acima, não há receitas, propostas, em jogo. O que está em jogo é o espírito, experiências poéticas outras. Mais do que nos resultados de suas reflexões, talvez valha a pena, pelo menos no começo, atermo-nos nos procedimentos. Bachelard mesmo relata suas aventuras de professor de Física num colégio em *Bar-sur-Aube*. Como participantes de um dos colóquios

Bachelard, realizado em Dijon, fomos presenteados com um *tour* à cidade natal do filósofo. O colégio ainda continua lá, em estado razoável. Tombado pela prefeitura, não aloja mais, nem professores, nem alunos. Suas salas, sua biblioteca, seus laboratórios, estão lá, no entanto. Uma vida outra os anima, a memória de um passado que, na expressão do filósofo, é atual. Com efeito, impressiona como o mestre, num ambiente escolar típico do século XIX, dispondo de um laboratório de química e física rústico que qualquer professor de ciências de nosso tempo, razoavelmente formado, evitaria em tocar, encontrava-se profundamente sintonizado com as questões de seu tempo, especialmente com as da Relatividade e da Física Quântica. É impressionante observar o trânsito de Bachelard pela literatura universal, pelas principais obras clássicas. E mais, sempre que possível, lia o livro na língua original. À pergunta acima, se “a educação hoje abrange a dimensão do imaginário” de que fala Bachelard, eu responderia com a uma espécie de convite: imaginemos o filósofo em uma manhã fria em sua escola, ora na sala de aula, ora no laboratório. Contra todas as probabilidades, assistiremos a experiência, ainda que elementar, se põe a pensar, e à razão, ainda que abstrata, será devolvida, “sua turbulência e agressividade”. Imaginemo-lo, depois, em seu quarto, à luz da lamparina, lendo. Logo se verá devolvida às imagens do livro sua vida própria. O leitor, então, perde sua soberania. É a linguagem, em seu ser bruto, que fala. O leitor, apenas é levado nas asas da imaginação.

REFERÊNCIAS

LACROIX, J. Gaston Bachelard: el hombre y la obra. In: LACROIX, J. *et al. Introduccion a Bachelard*. Tradução de José Szasbon. Buenos Aires: Calden, 1973, p. 9-20.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, G. *A chama de uma vela*. Tradução de Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BACHELARD, G. *O direito de sonhar*. Tradução de José Américo Motta Pessanha et al. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

BACHELARD, G. *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Contraponto, 2015.

BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. Tradução de: Antônio José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2008.

HEIDEGGER, M. *Introdução à metafísica*. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed., Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1999.

TERNES, J. Bachelard e o novo espírito científico. *Philosophos*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 109-120, jan./jun., 1997.

TERNES, J. Bachelard e Freud: alargar o espírito, tonificar a alma. *Reflexão*, Campinas, SP, v. 31, n. 89, p. 101-110, jan.-jun., 2006. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3105/2071> Acesso em: 10 jul. 2021.

SOBRE OS AUTORES

José Ternes é Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC), graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Católica de Goiás (PUC) e em Filosofia. É professor titular da Universidade Católica de Goiás, membro do corpo permanente do Programa de Pós Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) e professor colaborador no Mestrado de Letras da UCG.

E-mail: joseternes@hotmail.com

ORCID 0000-0002-4523-4383

Hugo Tallyton Lopes Santos é aluno do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa CAOIDES: Filosofia, Arte e Ciência: o pensamento como heterogênesse.

E-mail: hugoprofissional317@gmail.com

ORCID: 0000-0002-4988-5773

Sueli Teresinha de Abreu Bernardes é Doutora em Educação e Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Goiás (UFG). É membro da Association Internationale Gaston Bachelard, França, do Círculo Latinoamericano de Fenomenología, do Grupo de Estudos e Pesquisas CAOIDES – Filosofia, Arte e Ciência (UFG), do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a obra de Guimarães Rosa (UFT), do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direito e Literatura (Uniube), da Rede de Pesquisadores sobre Professores (as) do Centro-Oeste – REDECENTRO e do Instituto Nacional de Pesquisa e Promoção de Direitos Humanos. É Professora Titular aposentada da Universidade de Uberaba.

E-mail: sueliabreubernardes@gmail.com

ORCID: 0000-0003-3731-521X

*Recebido em 25 de junho de 2022.
Aprovado em 10 de agosto de 2022.
Publicado em 26 de agosto de 2022.*